

Entre o antrópico e o patrimônio natural: As relações dos moradores da comunidade do Bode com o Parque dos Manguezais, Recife-PE.

Célio Henrique Rocha Moura

Mestrando em Desenvolvimento Urbano, UFPE, Brasil
celiohrocha@gmail.com

Caio Coelho Silva Albuquerque

Mestrando em Desenvolvimento Urbano, UFPE, Brasil
caioosalbuquerque@gmail.com

Felipe Moura Hemetério Araujo

Mestrando em Desenvolvimento Urbano, UFPE, Brasil
felipe.hemeterio@ufpe.br

RESUMO

Esta investigação se insere no âmbito da conservação patrimonial da natureza, partindo da compreensão da intrínseca relação entre ecossistemas e comunidades dependentes. Mais especificamente, este artigo discorre sobre o Parque dos Manguezais, Unidade de Conservação municipal da cidade do Recife e a comunidade do Bode, historicamente relacionada com o ecossistema. Desta relação que aflora das atividades de pesca desenvolvidas por moradores desde o século XVII, nos primórdios da ocupação do território, molda-se o território natural, até a contemporaneidade, quando as pressões de ordem imobiliária impõem a estes moradores um lento, porém contínuo processo de gentrificação. Assim, a pesquisa levantou as relações dos moradores com o Parque, identificando como a pesca se converte em um elemento definidor da cultura e da dinâmica social local, sendo um fato essencial a ser considerado numa gestão do território antrópico e natural para garantir a sobrevivência da comunidade que simbioticamente convive com a natureza e historicamente maneja seus recursos naturais.

PALAVRAS-CHAVE: Comunidade do Bode. Parque dos Manguezais. Patrimônio Natural.

1 INTRODUÇÃO

O Recife desde o início da ocupação no século XVI era caracterizado por grandes mananciais de água doce e salobra sob influência da maré, se constituindo como uma planície estuarina típica de um ecossistema da Floresta Pluvial Tropical. Sobre a conformação geográfica do território, Bezerra (2017) afirma que as águas, manguezais, morros conferem a cidade a morfologia de uma planície aluvial, formada por sedimentos de uma antiga baía. Nesse contexto, a autora destaca o papel da água na paisagem:

A cidade do Recife tem as águas que a entrecortam, os mangues e os alagados, os maciços vegetais representados por remanescentes de Mata Atlântica e os morros que delineiam seu horizonte territorial em forma de semicírculo, sua realidade paisagística ou sistema paisagístico. Como elemento básico de seu substrato natural, a água é protagonista da paisagem recifense (p.39)

Sob este território de charco se erigiu a cidade, que Josué de Castro (1908-1973) resgata no seu romance “Homens e Caranguejos” (1967), ao aludir ao universo do manguezal do Recife e seus habitantes, homens e caranguejos. O autor disserta sobre a condição do mangue enquanto conquistador pioneiro da baía entulhada do Recife, outrora a planície inundável cercada por colinas ao oeste e pelos arrecifes ao leste (BEZERRA, 2017).

Segundo Josué de Castro, os mangues são os verdadeiros construtores do solo deste território, onde emergem das ilhas de depósitos aluviais “agarrando-se com unhas e dentes nesse solo para sobreviver” (CASTRO, 1967, p.14). Disserta o autor:

[...] os mangues foram pouco a pouco entrelaçando suas raízes e seus braços numa amorosa promiscuidade, e foram, assim, consolidando a sua vida e a vida do solo frouxo das coroas de lodo, donde brotaram. Com os depósitos aluvionais que foram se acumulando na trama do labirinto de raízes dos mangues e debaixo das suas camadas de sombras verdes, foi progressivamente subindo o nível do solo, e alargando a sua área sobre a proteção desse denso engradado vegetal. Não há, pois, a menor dúvida, que toda esta terra que hoje flutua à flor das águas, na baía entulhada do Recife foi uma criação dos mangues. (1967, p. 14)

Esta característica ecológica do sítio original da cidade do Recife (entendendo o sítio original como aquele presente no momento da ocupação portuguesa, no início do século XVI) é responsável pelo processo de ocupação urbana, cuja história revela um amplo embate, dominação e concordância entre as dimensões naturais e antrópicas. Nesse contexto o ecossistema de manguezal emerge até os dias atuais como uma das maiores marcas identitárias da cidade, fazendo parte do imaginário popular e das manifestações da cultura (através da literatura, da música, da poesia, principalmente).

Revela-se assim uma faceta patrimonial do ecossistema, que possui uma importância vital para o Recife, conforme escreve Fred Zero Quatro, em seu manifesto “Caranguejos com cérebro” que anunciava o movimento manguebeat:

Emergência! Um choque rápido ou o Recife morre de infarto! Não é preciso ser médico para saber que a maneira mais simples de parar o coração de um sujeito é obstruindo as suas veias. O modo mais rápido, também, de infartar e esvaziar a alma de uma cidade como o Recife é matar os seus rios e aterrar os seus estuários (FRED ZERO QUATRO, 1992).

Dada a importância do manguezal para a cidade, este artigo investigará através do exemplo empírico Parque dos Manguezais, maior remanescente de ecossistema estuarino da urbe, e as comunidades do entorno, mais especificamente a comunidade do Bode instituída enquanto Zona Especial de Interesse Social (ZEIS PINA/Encanta-Moça) pela lei de uso e ocupação do solo do Recife, de 1996 (Lei municipal nº 16.176/1996).

O ecossistema e a comunidade em questão se localizam no atual bairro do Pina, Zona Sul da cidade, em área de intensa atividade imobiliária. O aporte de novos empreendimentos privados na região causou uma mudança drástica na dinâmica do entorno, inclusive com a construção da infraestrutura viária que dá acesso a essas novas demandas sobre o território, como por exemplo, a via-mangue construída nas margens do manguezal. Silva et al. (2016) ressalta que as ocupações tradicionais passam a ser vistas como “obstáculos” no crescimento imobiliário do bairro. O índice FipeZap¹ destaca que em 2021 o Pina já era o bairro do Recife com o metro quadrado mais caro para compra e venda de imóveis, acima de bairros tradicionalmente valorizados como a Jaqueira ou mesmo Boa Viagem. O aporte do Shopping RioMar, maior centro de compras da cidade, no ano de 2012 trouxe valorização fundiária para os terrenos localizados no interior do bairro, nas fronteiras da ZEIS Pina/Encanta Moça (SILVA et al., 2016), causando uma verticalização intensa entre os anos de 2012 e atual.

Esse fator acentua a urgência de se investigar as dinâmicas da população com o ecossistema, buscando ir além da compreensão e subsidiar planos de gestão territorial (do sítio natural e do sítio antrópico) que visem não apenas salvaguardar as características patrimoniais e ecológicas do ecossistema, mas as populações tradicionais relacionadas, seus modos de vida e seu direito de moradia.

2 OBJETIVOS

¹Disponível em: <<https://jc.ne10.uol.com.br/economia/2021/05/12125363-do-pina-a-varzea-veja-os-bairros-mais-caros-e-os-mais-baratos-para-morar-de-aluguel-no-recife.html>> Acesso, 19 de maio de 2021.

Neste artigo se percorrerão os meandros do histórico de ocupação do sítio natural do charco de manguezais da cidade do Recife, atual bairro do Pina. Dada sua importância como um ecossistema identitário da cidade e, portanto, um patrimônio natural e cultural, investigar-se-á as relações que as populações estabelecem com o ecossistema e suas transformações no decorrer dos séculos. Segundo a Carta do Patrimônio Natural da Austrália (IUCN, 2002), o patrimônio natural não pode mais ser enxergado apartando-se das suas dimensões culturais que afloram dos povos relacionados com o bem. Nesse sentido, o objetivo proposto visa, por fim, contribuir para o modelo de gestão pública que reconheça a existência das populações tradicionais de áreas ribeirinhas, para aprimorar o sistema de gestão patrimonial dos sítios naturais, considerando suas dimensões ecológicas e antrópicas.

3 MÉTODO DE ANÁLISE

Para identificar e compreender as relações dos moradores da comunidade do Bode com o Parque dos Manguezais foram realizadas entrevistas com atores locais durante os períodos de fevereiro a maio de 2019, num total de 12 indivíduos, dentro de uma unidade amostral.

Estes indivíduos habitam a área do recorte de investigação constante na Figura 1. Deste total, 3 dos entrevistados trabalham como pescadoras e pescadores na região, colhendo frutos diretamente do Manguezal, enquanto os demais realizam atividades diversas voltadas para o setor da prestação de serviços ou comércio. Além disso, 6 declararam possuir Ensino Fundamental Incompleto, 2 declararam possuir Ensino Fundamental Completo, 3 declararam possuir Ensino Médio Completo e 1 declarou estar cursando o nível superior.

Figura 1 - Delimitação da área de estudo. Em amarelo, limites do bairro do Pina; Em vermelho, perímetro de realização das entrevistas correspondente à ZEIS Pina/Encanta-Moça (comunidade do Bode).



Fonte: Elaboração dos autores.

Em relação ao ambiente de vivência (Figura 2), a comunidade do Bode se apresenta enquanto um amplo território de massa construtiva horizontal em contraste com o entorno verticalizado do Bairro de Boa Viagem e do Pina (Foto a). A Configuração espacial da ZEIS varia de acordo com a distância do Manguezal. Nas margens se fazem presentes habitações insalubres de palafita, localizadas logo acima das águas da maré (Fotos b e c) e são ambientes

com pouca largura de circulação com casas de um ou dois cômodos, com sistemas improvisados de eletricidade e abastecimento d'água. Pouco mais afastado se encontram as casas de alvenaria cuja implantação se dá em espaço escasso. Muitas vezes a proximidade é tamanha que não permite a passagem de pessoas em sentidos opostos (Foto d). O interior da comunidade é relativamente uniforme, com ruas de tráfego de veículos e edificações de alvenaria, hora comerciais, hora residenciais (Fotos e, f, g e h).

O estudo das entrevistas, de acordo com o conjunto de questões formuladas, foi processada segundo três categorias de análise, apresentadas neste artigo como: I.Relação com o Parque dos Manguezais; II.Relação com o local de moradia; III.Relação com o bairro do Pina.

Figura 2 - Ambiente de vivência da ZEIS Pina/Encanta-Moça.



Foto a



Foto b



Foto c



Foto d



Foto e



Foto f



Foto g



Foto h

Fonte: Acervo pessoal dos autores, 2019.

4 OCUPAÇÃO DO BAIRRO DO PINA: UM BREVE HISTÓRICO DE SIMBIOSE HOMEM-NATUREZA NO TERRITÓRIO URBANO.

A ocupação inicial do atual território do bairro do Pina se dá já no século XVII, quando até então o local ainda era formado por um conjunto de ilhas, limitadas ao leste pelo oceano Atlântico, ao norte pela bacia do rio Jordão, Pina e Tejiptió e ao oeste e sul pelas terras alagadas e de manguezal que compõem a paisagem do Recife da época. Neste território, se instalam os galpões de açúcar dos irmãos Portugueses Antônio Gomes Pina e o então conhecido como “Cheira-dinheiro”. As Ilhas do território, passam a ser nomeadas de acordo com seus proprietários, sendo conhecida a ilha do Pina e a ilha do Cheira dinheiro, esta segunda a mais famosa (SILVA, 1990). Desde então, existiam indícios de atividades de pesca na região, com pequenos agrupamentos de pescadores em virtude da riqueza de espécies marinhas típicas de ecossistemas litorâneos como dos manguezais.

No ano de 1630, quando os Holandeses invadem Pernambuco, estabelecem suas bases na ilha do Cheira Dinheiro, como base para conquista de Afogados (SILVA, 1990). Ainda no século XVII, a região ficava próxima de uma barreta, que permitia a passagem dos pescadores da atual ilha de Antônio Vaz (núcleo de ocupação do Recife colonial) para o mar, favorecendo as atividades pesqueiras. Tal barreta acabou por ser fechada em 1849 pelo governo, a fim de proteger o porto do Recife das areias e detritos que por lá se acumulavam (SILVA, 1990). A obra provoca o deslocamento dos pescadores do Cabanga, localidade da margem oposta da bacia e tradicionalmente ocupada pela população ribeirinha, para as ilhas do Pina, aproximando-os do acesso ao mar pela barretinha, uma interligação entre o Rio Pina e o oceano na altura do atual bairro de Boa Viagem.

Figura 3 - Pormenor do Mapa do Recife de Cornélio Golijáth, 1648. Coleção José Antonio Gonçalves de Mello. Edição pelos autores: Em vermelho, território do atual bairro do Pina; Em preto, Ilha de Antônio Vaz.



Fonte: FUNDARPE.

Alguns relatos trazidos por Silva (1990) revelam a condição estuarina do local, no início da intensificação da ocupação do território, tal qual o do citado “Quiabo Duro”, morador ZEIS Pina/Encanta Moça:

As pontes, dentro do bairro, ligavam uma ilha à outra... Que é do meu conhecimento, a primeira ponte que fizeram aqui no Pina, foi a ponte do seu Máximo. Ligava a ilha do Nogueira ao Encanta Moça, ali por

trás do Centro Social. Depois foi a ponte do Bode. Ficava na esquina da Rua 12 de Julho, ligava a ilha do Nogueira ao Bode. Da mesma época foi a ilha do Camelo, no final da Rua 26 de Janeiro. Depois fizeram a que ligava o Encanta Moça ao Bode, chamada de ponte do Cantílio, nome do barbeiro que consertava a ponte. Seu Cantílio morreu de uma queda da ponte. (SILVA, 1990, p.31).

Tal relato reflete além da condição geográfica e social da localidade (destacando-se as adaptações feitas pelos moradores com o intuito de sobrevivência no meio ambiente), a existência de comunidades variadas num mesmo território, espalhadas pelos fragmentos de terra, ainda que sob influência das marés.

No final do século XIX, a abolição da escravatura impõe aos povos ex-escravizados habitantes das áreas centrais do Recife o seu deslocamento para as ilhas do território do atual bairro do Pina, acarretando na construção dos mocambos (SILVA et al., 2016). Tal migração se dá também por parte dos pescadores remanescentes da localidade de Cabanga, em virtude das obras no Porto do Recife fruto do Plano de Saneamento do Recife (1909-1915) empreendido pelo Engenheiro Saturnino de Brito (1864-1929) e da construção da linha férrea que ligava a ilha do Recife ao município de Cabo de Santo Agostinho, na ocasião em que a barretinha em Boa Viagem é finalmente fechada. O Plano de Saneamento e Higienização do Recife moderno, demanda no início do século XX, um volume de trabalhadores nas áreas circunvizinhas ao território do Porto do Recife, o que intensifica o processo de habitação nas áreas de território lamacento dos manguezais (SILVA et al., 2016).

É importante observar que o crescimento demográfico do Pina se deu através da habitação das camadas mais populares do Recife, desde o século XVII, que passam a habitar as áreas periféricas da cidade, muitas das quais, localizadas em áreas de manguezais. Silva et al (2016) sobre esse fato, afirma que:

Nessa direção, percebe-se que a divisão social e territorial do trabalho implica na diferenciação socioespacial, por acesso a terra ser privado, sua distribuição ocorre de forma desigual quantitativa e qualitativamente, colocando de um lado a elite que ocupava a cidade do Recife, e de outro os indivíduos que não satisfaziam tecnicamente o mercado de trabalho, esses ocupavam áreas ambientalmente frágeis e desprovidas de infraestrutura básica para habitação, como o Pina. (p.65)

Jucá (2004) corrobora com essa afirmação quando disserta sobre o crescimento urbano do Recife e a configuração espacial da cidade dividida em classes:

O subúrbio de Madalena era privilegiado como local de rediência dos ricos. Em contrapartida, Boa Viagem não passava de uma povoação com cem casas de pescadores e um intenso coqueiral, tendo ao centro um grande pântano de água salgada. Aliás, anteriormente, em 1821 Maria Graham chamara a atenção para as áreas privilegiadas da elite, como o bairro de Boa Vista. Até igrejas reproduziam a segregação racial, sendo destinadas umas aos brancos e outras aos negros e escravos. (2004, p.129)

Além disso, o efeito das ocupações espontâneas no território do bairro do Pina, causa uma mudança drástica na paisagem pois as relações homem-natureza, passam a existir no campo da subsistência. Quando primariamente no século XVII, XVIII e meados do século XIX as pessoas passam a ocupar a região se adaptando à geografia adversa através da construção de pontes interligando as ilhotas, no século XX nota-se uma mudança de paradigma de apropriação do espaço, quando este passa a ser aterrado em decorrência da demanda e das transformações destas relações entre homem-natureza, também impulsionada pelas transformações e demandas sociais.

De acordo com Silva et al., (2016), no século XIX o ambiente natural do Pina, passa a ser artificializado paulatinamente através de aterros, aumentando o território para habitação, embora ainda se fizessem presentes os aspectos físico-naturais característicos. Surgem na paisagem, uma maior quantidade de habitações que se avolumam no início do século XIX, ainda precárias, constituídas majoritariamente de madeira e com telhados de palha de coqueiro, os ditos mocambos (Figura 4).

Figura 4 - Paisagem do Pina, 1922.



Fonte: Acervo Museu da Cidade do Recife.

Entre os anos de 1921 e 1930 constrói-se a ponte do Pina que inseriu as terras do charco do litoral sul do Recife na expansão urbana do território. De acordo com Silva (2014), A construção da ponte dividiu opiniões: de um lado debatia-se o atraso dos terrenos lamacentos e pantanosos por sua insalubridade enquanto, de outro, debatia-se o bairro de Boa Viagem como imagem do progresso. A nova interligação da cidade com os antigos coqueirais e vilas de pescadores intensificou o processo de adensamento da região sul, que passa a não mais contar com casas e vilas esparsas, mas com edificações para veraneio, no momento em que o Rio Capibaribe, maior corpo d'água da cidade, torna-se cada vez mais impróprio para o banho. As transformações urbanas sociais e naturais passam a ser sentidas na região, com a chegada da infraestrutura (iluminação, esgoto, transporte, etc). Silva (1990) transcreve o avanço da metrópole sobre as pequenas vilas do sul:

No Pina, os contornos das ilhas já vão se apagando: aterro, trabalho, chão. O Recife se expande e seus proprietários chegam ao Pina em busca daquele pedaço de Brasil, onde, por tanto tempo, trabalhadores navegaram livres, criando seu próprio mundo. Aquela independência seria apenas aparente, permitida, permissível. A ponte simboliza a apropriação do Pina pela cidade. Esgoto,

transporte, polícia, religiões. A lógica do capital não pede licença aos trabalhadores: dragas, avenidas, supermercados. (p.43)

O fragmento textual acima traduz, de forma simbólica, a apropriação do espaço urbano e a paisagem do Pina, sobretudo o entorno do manguezal. A condição territorial atual do bairro destaca a problemática ambiental envolvida nas questões do crescimento da cidade e especialmente da localidade, tal fato não se deu de forma isolada, mas num processo de desmatamento e degradação da Mata Atlântica e seus ecossistemas associados como um todo.

5 CONTEMPORANEIDADE: AS RELAÇÕES ENTRE HOMEM E NATUREZA NO TERRITÓRIO DO BAIRRO DO PINA

O histórico processo de ocupação das terras estuarinas da cidade do Recife, sintetizado neste ensaio através do processo de urbanização do bairro do Pina modificou substancialmente as relações que estas populações estabelecem com seu território. Ascendente de uma população pesqueira, as comunidades estabelecidas tradicionalmente sofrem de uma contínua pressão por desapropriação das áreas ocupadas. Ainda no final da década de 1930, o então Departamento de Aeronáutica Civil já previa para a área a construção do Aeroporto Terrestre do Recife – Encanta Moça:

O projeto deste aeroporto exigirá, porém, a desapropriação de cerca de 900 mocambos, segundo os dados que colhi na “Comissão Censitária dos Mocambos”, afora as casas de taipa e algumas de tijolo. (IPHAN, nº 1042, p. 291)

O direito à moradia só viria a ser relativamente concretizado no ano de 1996 quando a instituída Lei de Uso e Ocupação do Solo da cidade do Recife (Lei municipal nº 16.176/1996), inspirada pela Legislação do PREZEIS (Lei municipal nº 14.947/1987) delimita o polígono de ocupações do que viria a ser a Zona Especial de Interesse Social (ZEIS) Pina/Encanta-Moça.

A instituição da ZEIS representa um marco para a ocupação histórica do bairro do Pina no sentido que fundamenta o direito à moradia das populações usualmente apartadas da dinâmica urbana.

Paralelamente, quando os processos de ocupação do território natural modificam o sítio, o extenso manguezal outrora característico do charco estuarino do litoral do Recife se reduz a um maciço vegetado inserido em território intraurbano. As pressões urbanas decorrentes não apenas da ocupação das populações carentes, mas da pressão do mercado imobiliário da construção civil, induzem no ano de 1996, através da Lei de Uso e Ocupação do Solo, ao reconhecimento do manguezal enquanto uma Zona Especial de Proteção Ambiental (ZEPA). A instituição da ZEPA representou a salvaguarda do remanescente de manguezal e serviu de base, por fim, para a instituição deste enquanto Unidade de Conservação da Natureza, no ano de 2014, sob a chancela do Sistema Municipal de Unidades Protegidas (SMUP – Lei municipal nº 18.014/204).

O reconhecimento legal do manguezal enquanto Parque dos Manguezais insere este dentro de um escopo de gestão técnico da prefeitura, sob a tutela da secretaria municipal de meio ambiente e sustentabilidade (além da marinha do Brasil, proprietária das terras). Se por

um lado sua instituição enquanto Unidade de Conservação da Natureza salvaguarda seus atributos naturais, por outro, afasta os usos tradicionais da área pela comunidade de pescadores locais, que passam a contar com maiores restrições de acesso e coleta na região.

Além disso, as próprias dinâmicas econômicas da cidade são um fator primordial para a mudança dos hábitos da comunidade, quando os moradores passam a adentrar no mercado formal e informal voltado principalmente para o setor de serviços. Assim, paulatinamente a dinâmica da comunidade pesqueira tende a se modificar, agregando novas atividades econômicas que impactam diretamente na relação das populações com o ecossistema de manguezal.

Intuindo identificar estas transformações, a seguir serão explanadas as análises das entrevistas realizadas, que sob três óticas distintas discorrem sobre as relações homem-natureza e as percepções dos atuais moradores sobre o bairro que se consolida frente a um território historicamente marcado pela presença do antrópico e do natural em simbiose.

5.1 Relação com o Parque dos Manguezais

A complexa relação dos habitantes das comunidades ribeirinhas com o Parque dos Manguezais se dá, a princípio pela necessidade de subsistência em decorrência da vulnerabilidade social dos moradores. Assim, as atividades de pesca e extrativismo desenvolvidas no ecossistema fornecem importantes insumos para a comunidade, tanto para alimentação dos moradores, como para comercialização no mercado local. Mesmo aqueles moradores que não trabalham diretamente com as atividades de pesca, reconhecem o seu valor e conferem ao Parque dos Manguezais o papel de sustentar a vida da comunidade através de seus proventos.

Está ótica implica diretamente na visão que estes moradores tem sobre seu local de moradia, onde há um reconhecimento de seus atributos positivos apesar das condições de insalubridade a que parte desses habitantes estão submetidos, principalmente nas palafitas:

Esse manguezal é importante porque beneficia muita família... gera uma renda e eles conseguem se sustentar...²

Muita gente pratica a pesca, muita gente depende disso.³

Rapaz, esse mangue eu acho que se não fosse ele a gente não tinha essas casas não. Se olhar direitinho a madeira das casas...⁴

Eu acho que se não existisse ele, não existia a gente aqui não.⁵

Tais fragmentos reforçam o papel do Parque dos Manguezais frente às condições sociais adversas a que os moradores estão submetidos. Desta relação emerge um reconhecimento da biodiversidade local e da importância ecológica do ecossistema. Numa relação de aproximação entre o homem e a natureza, a valorização dos elementos da

2Homem, 24 anos, Autônomo, morador da comunidade há 8 anos.

3Mulher, 45 anos, Pescadora, moradora da comunidade desde que nasceu.

4Mulher, 36 anos, Pescadora, moradora da comunidade há 32 anos.

5Homem, 40 anos, Pescador, morador da comunidade desde que nasceu.

biodiversidade fazem referência principalmente à fauna local, tal como aos caranguejos, aratus, siris, mariscos, sururus, etc. As falas a seguir exemplificam tal constatação:

...Pegar alimento, né? Tem caranguejo, tem sururu...Tudo é extraído do mangue. A sobrevivência da gente aqui de palafita é por conta do mangue.⁶

Manguezal é tudo...É marisco, é sururu, é caranguejo. Mas primeiro é marisco, o povo come.⁷

Os habitantes das residências de alvenaria, próximas às vias de escoamento de tráfego locais, tradicionalmente dotados de um maior poder aquisitivo em relação aos moradores do interior da comunidade, e que não lidam diretamente com as atividades pesqueiras diariamente nem dependem dela para sobrevivência destacam ainda essa importância em virtude do conhecimento da dinâmica interna, econômica e social entre os habitantes e o manguezal. Assim, na perspectiva desses moradores, o ecossistema é visto como um meio de suporte à vida:

Olha...diretamente...é muito egoísta eu dizer que para mim não importa ou não interessa pelo fato de saber que o povo da comunidade dali precisa e necessita disso, né? Não, para mim faz diferença, para mim é necessário! Para mim faz diferença sim!⁸

Tem que preservar. Eu digo a você que 50% depende do manguezal para sobreviver aí no Bode.⁹

5.2 Relação com o Local de Moradia

As condições de insalubridade a que estão submetidos os moradores da comunidade reflete às suas percepções negativas sobre o ambiente em que vivem. O maior destaque negativo da região foi dado em relação ao lixo existente tanto no interior da comunidade nas margens do manguezal e abaixo das palafitas, principalmente. Segundo relatos dos moradores das palafitas, a situação é bastante evidenciada em períodos de maré alta quando “O lixo fica batendo embaixo do piso o tempo todo”¹⁰. Esse panorama favorece a proliferação de pragas, como ratos, baratas e demais animais nocivos à saúde, que passam a invadir as casas dos habitantes da comunidade:

Essa lixaria...lixo, rato, tudo, tudo! O pior é isso, o pior, pior, pior mesmo é isso. Minha casa é cheia de rato.¹¹

6Ibidem

7Homem, 49 anos, Pescador e Ajudante de Pedreiro, morador da comunidade há 1 ano e meio.

8Mulher, 24 anos, Estagiária ADM, moradora da comunidade desde que nasceu.

9Homem, 61 anos, Fretista, morador da comunidade desde que nasceu.

10Mulher, 45 anos, Pescadora, moradora da comunidade desde que nasceu.

11Mulher, 36 anos, Pescadora, moradora da comunidade há 32 anos.

Esse manguezal tratado não é não, a borda do manguezal. E lixo que joga aí dentro é bóia, quando a maré enche isso aí fica cheio de lixo.¹²

É rato, é escorpião que tem por aí...rato, escorpião, tudo!¹³

Outra condição negativa na localidade destacada é em relação ao aumento da criminalidade na região. 50% dos moradores destacam a violência enquanto um dos grandes problemas no local.

Em relação aos aspectos positivos, os moradores destacaram a possibilidade de desenvolvimento de atividades de pesca no manguezal próximo enquanto fonte de renda, mesmo quando perguntados sobre o que mais gostam na comunidade em si. Isso reflete o papel central do Parque dos Manguezais naquela vivência, destacado através das falas dos ribeirinhos:

O que eu mais gosto do Bode? O que eu gosto é...pouca coisa assim...de pesca aqui no Bode.¹⁴

Na verdade o que eu mais tô gostando aqui é da pescaria mesmo¹⁵

Da comunidade eu gosto mais é dessa maré abençoada por Jesus que manda sempre esse meio de vida para população viver como pode¹⁶

5.3 Relação com as transformações do bairro do Pina

A construção da Via Mangue, segundo a maioria dos atores entrevistados, não trouxe melhorias para as áreas. Segundo estes, a proposta da construção estava alinhada com promessas de realocação da população pra habitacionais que nunca chegaram a ser cumpridas. Além disso, são enfáticos ao afirmar que as melhorias na região provindas da implantação da via se deram em quaisquer outras áreas que não a comunidade:

Rapaz, pra gente aqui não melhorou não. Melhorou pra lá...¹⁷

Aqui não melhorou não, mas pra lá melhorou...Aqui você vê, tá o canal todo ano a draga vinha e limpava. Agora tem lugar que você entra e não sai mais. Agora com essa Via Mangue aí, se já não tava vindo agora é que não vem mesmo¹⁸

Para o trânsito melhorou né? Mas pra gente ela não melhorou nada, porque para ela ser construída saiu um bocado de família que já

12Homem, 58 anos, Segurança, morador da comunidade há 30 anos

13Ibidem

14Mulher, 45 anos, Pescadora, moradora da comunidade desde que nasceu.

15Mulher, 36 anos, Pescadora, moradora da comunidade há 32 anos.

16Mulher, 21 anos, Dona-de-casa, moradora da comunidade há 3 anos.

17Homem, 58 anos, Segurança, morador da comunidade há 30 anos.

18Mulher, 21 anos, Dona-de-casa, moradora da comunidade há 3 anos.

tinha... A Via Mangue veio para o progresso mas não mudou a vida de quem mora aqui antigamente.¹⁹

Complementarmente foram relatadas que as interferências no ecossistema alteraram a dinâmica da pesca. Segundo esses atores, além da poluição, a construção da via acarretou em impedimentos para passagem de barcos, o que obriga alguns pescadores a buscar os proventos do Manguezal mais longe que o habitual:

Fizeram essa via aí...os pescador quase não passa ali. Ainda deixaram um monte de madeira, eles não tiraram as madeiras. Aí vez em quando fura o barco da gente...Tem um monte de lugar que caiu um monte de concreto e eles não tiraram. Quando a maré não tiver cheia você vê ali debaixo do viaduto que aparece resíduos da Via Mangue que eles não retiraram²⁰

Não melhorou nada. Pirou. Porque tinha muita gente que vivia de maré, de peixe...Hoje pra tirar alguma coisa tem que ir pra distante²¹

Rapaz, essa Via Mangue eu acho que foi ruim porque agrediu o manguezal²²

Além da Via Mangue, as novas construções no bairro do Pina como o Shopping RioMar e os novos empreendimentos residenciais e empresariais representaram profundas mudanças na dinâmica da área, segundo os moradores das comunidades locais. Estes afirmam que a proximidade com o Shopping é um fator positivo, mas que não contribui em nada para o aumento da qualidade de vida nas comunidades:

É perto, mas aqui pra comunidade não melhorou em nada²³

Melhorou porque é perto, mas aqui na comunidade, nas ruas, não mudou nada não²⁴

O progresso melhorou, mas a vida que a gente tem hoje... Antigamente você tinha uma qualidade de vida melhor, tinha mais paz, você tinha mais sossego, era menos movimentado.²⁵

Outros moradores relatam o estranhamento que o centro de compras junto com os novos empreendimentos causam numa área tradicionalmente ocupada pelas comunidades:

Não precisava isso, né? Sei lá...acho que aqui era tudo baixo...Hoje em dia a gente tá estranhando muita coisa.²⁶

19Mulher, 43 anos, Pedreira, moradora da comunidade desde que nasceu.

20Homem, 40 anos, Pescador, morador da comunidade desde que nasceu.

21Mulher, 73 anos, Cozinheira, moradora da comunidade há 50 anos.

22Homem, 61 anos, Fretista, morador da comunidade desde que nasceu.

23Mulher, 21 anos, Dona-de-casa, moradora da comunidade há 3 anos.

24Mulher, 73 anos, Cozinheira, moradora da comunidade há 50 anos.

25Mulher, 43 anos, Pedreira, moradora da comunidade desde que nasceu.

É criado empresariais, é criado Shoppings... enfim, não muda em nada na vida das pessoas ao redor, na vida das comunidades ao redor, muito pelo contrário, isola a população, faz as pessoas realmente entenderem que o espaço delas não é esse e que elas vão viver sempre cercadas.²⁷

É criado muita coisa em cima das casas, não tendo espaço pra própria galera que mora lá...É como se cada vez fosse isolando mais o lugar com prédios ao redor...É como se a galera lá de dentro estivesse sendo excluída, sabe? Como se tivesse uma barreira...e existe gente ali, há existência ali. E cada vez mais vão tirando o Manguezal, vão tirando área da galera que sempre teve isso pra construir prédio, construir.²⁸

5 CONCLUSÃO

As transformações do atual bairro do Pina na cidade do Recife decorrem de um intenso processo de embate entre a expansão urbana e as comunidades historicamente preteridas da dinâmica social do território. A sua formação pelos excluídos das atividades formais representa um marco da resistência popular frente aos processos de gentrificação empreendidos pela apropriação do solo por camadas mais abastadas.

A inserção de áreas centrais tradicionalmente ocupadas por populações de baixa renda às fronteiras do mercado imobiliário não é um fenômeno recente nem exclusivo do território do Pina ou da cidade do Recife, mas espraia-se nas grandes cidades brasileiras, representando um risco para estas populações mais vulneráveis e que, tradicionalmente, detém menos poder político.

Esta situação é ainda mais alarmante quando tais pressões ainda se impõem sobre um território com forte presença de remanescentes naturais, como é o caso do Parque dos Manguezais. Nesse sentido, este artigo revela através das falas dos próprios moradores, aqui considerados como agentes ativos dentro do processo de percepção do espaço, como os avanços da cidade dita “formal” impõe riscos à conservação do ecossistema.

O bairro do Pina representa um campo amplo de estudo onde a interação do meio natural com o meio antrópico se dá concomitantemente a uma pressão massiva do mercado imobiliário. Esta pressão acarreta não somente na substituição do padrão construtivo e da faceta social do território, mas no aporte de novas infraestruturas estranhas à paisagem tradicional.

Consideramos que discutir as relações dos moradores tradicionais com seu ecossistema é uma etapa primária no complexo processo de compreensão da cidade e suas diferentes territorialidades. A cidade não pode ser vista como um sítio único suscetível às condicionantes do mercado ou do capital privado, mas enquanto um fenômeno multifacetado da ocupação humana e, portanto, dotada de significados e valores em suas diferentes localidades.

26Mulher, 36 anos, Pescadora, moradora da comunidade há 32 anos.

27Mulher, 24 anos, Estagiária ADM, moradora da comunidade desde que nasceu.

28Ibidem

Tais significados emergem justamente do processo de identificação de moradores com seu espaço, e vão além: refletem o significado da natureza para estes moradores e para a cidade como um todo. Assim, as percepções e relações da população do bairro do Pina sobre o ecossistema do manguezal reverberam para todo um aspecto da cultura cidadina. As relações homem-natureza com o manguezal traduzem através das vozes populares a condição da cidade do Recife enquanto urbe estuarina e enquanto cidade mangue.

Mesmo que controversas, as relações dos moradores da ZEIS Pina/Encanta-moça com o manguezal reiteram a necessidade de se pensar não apenas políticas de habitação social (que podem representar um risco às permanências no local), mas de melhoramento das condições de salubridade e de trabalho (forte demanda local) visando garantir a salvaguarda desta atividade histórica desenvolvida desde os primórdios da ocupação da cidade do Recife.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEZERRA, Onilda Gomes. Paisagem como totalidade Homem-Natureza. In: VERAS, Lúcia Maria de Siqueira Cavalcanti et al. (Org.). **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo**, v.2. João Pessoa: Patmos Editora, 2017. p. 34-51.

CASTRO, Josué. **Homens e Caranguejos**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1967. 177p.

FRED ZERO QUATRO. **Manifesto Caranguejos Com Cérebro**. [online], 1992. Disponível em: <http://www.recife.pe.gov.br/chicoscience/textos_manifesto1.html>. Acesso em: 24 de mar. de 2021.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. O processo de ocupação e crescimento do espaço urbano do Recife. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, 2004. 125-152.

IUCN; UNESCO. **Australian Natural Heritage Charter**. 2.ed. Sidney NSW: Australian Heritage Commission, 2002. 28p.

MORAES, Lucas. Do Pina à Várzea, veja os bairros mais caros e os mais baratos para morar de aluguel no Recife. **Jornal do Comércio**, Recife, 18 mai. 2021. [online], acesso em: 19 de mai. de 2021.

RECIFE. **Lei Municipal nº 14.947, de 30 de março de 1987**. Cria o Plano de regularização das Zonas Especiais de Interesse Social – PREZEIS, Recife, PE, 30 mar. 1987.

RECIFE. **Lei Municipal nº 16.176, de 9 de abril de 1996**. Estabelece a Lei de Uso e Ocupação do Solo do Recife. Recife, PE, 9 abr. 1996.

RECIFE. **Lei Municipal nº 18.014, de 10 de maio de 2014**. Sistema Municipal de Unidades Protegidas, Recife, PE, 10 mai. 2014.

SILVA, Oswaldo Pereira. **Pina, Povo, Cultura, Memória**. Olinda: Produção Alternativa, 1990. 69p.

SILVA, Kelly Regina Santos. **A reprodução da geografia social do capitalismo no território do Pina (Recife-PE)**, 2014. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) Universidade Federal de Pernambuco, 2014.

COSTA, Maria Helena Couto Costa. **Urbanismo sustentável em Áreas de Proteção Ambiental**. O caso da drenagem urbana no Setor de Mansões Park Way, em Brasília – DF, 2008. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, 2008.

SILVA, Júlio César Felix; GOMES, Edvânia Torres Aquiar; ALBUQUERQUE, Mariana Zerbone Alves. A Cidade: Uma leitura Geográfica da Paisagem Urbana da metrópole pelo Pina, Recife – PE. **Revista Movimentos Sociais e Dinâmicas Espaciais**. Recife: UFPE, v.5, p. 55-73, 2016.